

neris dies, etc.), hespanhóis (Lunes, Martes, Viernes, etc.), ingleses (Monday, Saturday, etc.), alemães (Montag, Freitag, etc.), há ainda esse vestígio. O domingo era o dia do Sol (Sunday, Sonntag), e nos cristãos é o *dia do Senhor*, enquanto que as relações populares com o Sol são no sábado; mas os primeiros cristãos observavam o sábado como os judeus. Nas *Ordenações Filipinas* (1595) manda-se que se não guarde o sábado (nem quarta-feira), nem se coma e beba por causa das missas dos sábados (liv. v, tit. v, apud F. A. Coelho, *Etnografia Portuguesa*, § 61).

XLIII

**Numa porta se põe o ramo,
e noutra se vende [ou bebe] o vinho**

Este provérbio alude ao antiquíssimo costume de se pendurar um ramo à porta das tabernas, como sinal da venda de vinho.

Entre nós usa-se, geralmente, o ramo de loiro, certamente porque esta planta era uma das dedicadas a Baco pelo paganismo. Também se usa o ramo de pinho.

Baco, Sileno, os Faunos, os Sátiros, as Bacantes e, em geral, os deuses campestres, representavam-se rodeados de loiro.

Não sei se os romanos empregaram o loiro como insígnia da venda de vinho, mas do uso da hera (que também era consagrada a Baco) há o testemunho dos provérbios: a) *Vino vendibili non opus est hedera* ¹; b) *Laudato vino non opus est hedera* ²; c) *Vino vendibili suspensa hedera nihil opus* ³.

Na *Pranto de Maria Parda*, de Gil Vicente, Maria Parda vendo as ruas de Lisboa com poucos ramos nas tabernas e o vinho tão caro, lamenta-se amargamente:

«Ó travessa Zanguizarra	Como estás de ma ventura,
De Mata-porcos escura,	Sem ramos de barra a barra» ⁴ .

E mais adiante:

«Que foi do vosso bom vinho,	Laranja, papel e cana,
E tanto ramo de pinho,	Onde bebemos Joanna
E eu cento e hum cinquinho» ⁵ .	

¹ Bento Pereira. [Creio que estas frases são modernas, e não provérbios. Pelo menes não vêm em Otto, *Proverbios dos Romanos*, Leipzig 1890. — J. L. DE V.]

² De uma edição de *As três bibliotecas*, Lisboa, 1902.

³ Idem.

Camões (*Filodemo*, act. II, sc. 2.^a) alude também ao *ramo de pinho*: «Oh maravilhosa pessoa! Vós he certo que vos prezais de mais certo em casa, que *pinheiro* em porta de taverna...»¹.

Conta Garcia de Rezende² que certo fidalgo, indo uma vez falar a D. João II, depois de ter conferenciado com a botelha mais do que seria justo, mascarou uma porção de loiro para disfarçar o cheiro. Era já nesse tempo, como agora, o ramo de loiro a insignia ovante dos templos de Baco. O rei percebeu logo o loiro e o que elle ocultava e, virando-se para o fidalgo, perguntou-lhe, com um sorriso: «Fulano, debaixo dêsse loiro, quanto vale a canada?»

Os provérbios atestam a generalização, em outros países, do uso de um ramo à porta, como insignia dos taberneiros.

Em França, já no século XVIII se dizia: *A bon vin il ne faut point de bouchon* — e isto porque naquele país era tradicional o ramo à porta das tabernas, como se vê do *Dictionnaire Universel*, de Furetière (Rotterdam, 1708, vb. «bouchon»: «*Bouchon de taverne*, est un signe qu'ont met à une maison pour montrer qu'on y vend du vin à pot. Il est fait de lierre, de houx, de ciprés, & quelquefois d'un chou. Les Taverniers payent un droit de bouchon».

Francesco de Alberti, no seu *Nuovo Dizionario Italiano-Francese* (Bassano, 1777), vb. «frasca», insere o provérbio *al buon vino non bisogna frasca*, e revela-nos nos seguintes termos o uso do ramo, em Itália: «Il buon vino non ha bisogno d'allettamento, e di contrassegno, tolta la metaf. da quella frasca, che mettono i Tavernaj sopra le porte, quando fanno qualche manomessa di vino per allettare la gente».

Bohn, no seu livro *A polyglot of foreign proverbs*, inclue o provérbio holandês *goede wijn behoeft geen kraus* (o bom vinho não precisa ramo).

Expressa-se nos mesmos termos o provérbio inglês *good wine needs no bush*.

Do uso do *ramo* em Hespanha não tenho presente nenhum provérbio comprovativo, mas dele fala António de Trueba, num conto publicado in *La Ilustración Española y Americana*, ano XIX, n.º 31: «Una hermosa tarde del veranillo de San Martín, que

¹ *Comédias de Camões*, edição de A. L. Leitão, Lisboa, 1880.

² *Crónica de D. João II*, cap. 152 (v. Pinheiro Chagas, *História de Portugal por uma sociedade de homens de letras*, III, 193).

es precisamente cuando la justicia permite *poner ramo* para la venta de los vinos nuevos... ».

O missionário Fr. João dos Santos testemunha o uso do *ramo* à porta das tabernas, na Índia, quando, na sua *Etiópia Oriental* (Evora, 1609) liv. 1, cap. xv, refere o seguinte: «Outro elefante houve nesta ribeira, chamado Perico; muito nomeado e conhecido na India. Este era grande bebedor; e todas as vezes que passava por alguma casa onde estivesse *ramo de vinho*, se punha á porta, metia dentro a tromba, e não se bulia dali até lhe darem de beber»¹.

Cfr.: a) *O bom vinho não há mister ramo*; b) *Ter ramo à porta* (isto é, «ter venda de vinho, ou taberna»).

XLIV

Não ter eira || nem beira

Variantes:

- a) Não ter eira, || nem beira, || nem ramo de figueira.
- b) Não ter leira, || nem beira.
- c) Não ter beira, || nem leira.
- d) Não ter leira, || nem beira, || nem ramo de figueira.
- e) Não ter eira, || nem beira, || nem pé de figueira.
- f) Não ter casa, nem beira.
- g) Não ter terra, nem leira, || nem beira, || nem ramo de figueira.
- h) Não ter eira, || nem beira, || nem ninho.
- i) Não ter lapa nem solapa.
- j) Não ter casa, nem lar.

Não possuir coisa alguma, ser extremamente pobre; viver na última miséria.

Todas estas formas se empregam, também, substituindo-se as palavras «não ter», por «sem».

A forma inicial é vulgar e corrente: «Uma noite um casal dos que *não teem eira nem beira*, acoitou-se ali». (Eduardo Noronha, *Memórias de um galego*). Pertence também ao folklóre açoriano. (V. *Revista do Minho*, série V, n.º 4).

Quanto às restantes formas:

¹ Apud Caldas Anlete, *Selecta*, 1.ª parte, 7.ª ed., 1886, pág. 75.